



**EAESP**

**GV PESQUISA**

# **HISTÓRIA EMPRESARIAL COMO ÁREA DE PESQUISA**

**Relatório 14/2008**

**MARIA CECÍLIA SPINA FORJAZ**

Não é permitido o uso das publicações do GVpesquisa para fins comerciais, de forma direta ou indireta, ou, ainda, para quaisquer finalidades que possam violar os direitos autorais aplicáveis. Ao utilizar este material, você estará se comprometendo com estes termos, como também com a responsabilidade de citar adequadamente a publicação em qualquer trabalho desenvolvido.

## História Empresarial como Área de Pesquisa

**Prof. Maria Cecília Spina Forjaz**

**Relatório final para o NPP julho 2005**

### **Resumo**

Este relatório de pesquisa faz um balanço teórico do “estado da arte” da disciplina História Empresarial (Business History). Disciplina nova mesmo no mundo dos países desenvolvidos, no Brasil ela está engatinhando e exige uma reflexão sobre os principais paradigmas desenvolvidos nos Estados Unidos e na Europa . Descrevemos sucintamente esses paradigmas e os primeiros passos da disciplina no Brasil.

### **Palavras-chaves**

História Empresarial, Business History, paradigmas teóricos, análise em perspectiva comparativa.

**Abstract**

This is a theoretical paper that analyses the main conceptual paradigms of the new discipline Business History. We describe in a synthetic way the main theoretical approaches developed in the United States and Europe and the first steps of the discipline in Brazil.

**Key Words**

Business History, theoretical paradigms, comparative analysis.

## **Business Hystory como um campo de pesquisa: a hegemonia americana**

Mais ou menos vinte anos atrás Louis Galambos estudou e criticou o *approach* teórico dominante na História Empresarial americana, a obra de Alfred D. Chandler, para propor um modelo de interpretação mais amplo e genérico que ele mesmo denominou "organizational synthesis".

Desde o início dos anos 70 a Business History americana, a primeira e mais desenvolvida escola dessa disciplina, tornou-se crescentemente dominada pela teoria "organizacional" ou "neo-institucionalista", que Louis Galambos com precisão chamou de "organizational synthesis" (Galambos 1970).

Originada na obra de Alfred Chandler *Strategy and Structure*, esse modelo teórico recebeu sua definitiva consagração internacional com a publicação, pelo mesmo autor, da obra *The Visible Hand* (Chandler 1962 e 1977).

As contribuições de Chandler para Business History permitiram uma extrapolação da disciplina das estreitas fronteiras da narração e descrição nas quais vivera antes dos anos 60 para demonstrar que esse campo específico do conhecimento poderia ser algo mais do que uma coleção de biografias de empresas, frequentemente financiadas pelas firmas cuja história era contada.

Seus esforços caminharam no sentido da generalização: a identificação dos mecanismos que explicam o sucesso e o crescimento das grandes empresas americanas no século XX. Esses mecanismos tinham que ser buscados na revolução organizacional trazida por mudanças na tecnologia e nos mercados que permitiram a ascensão de hierarquias gerenciais.

Nos anos 90 ele publicou *Scale and Scope*, que deveria ser o telhado do edifício teórico mas que se revelou a parte mais fraca da obra. O esquema conceitual construído para explicar a dinâmica das grandes empresas americanas transposto para casos não

americanos – Inglaterra, Japão e Alemanha – mostrou-se incapaz de iluminar a dinâmica interna empresarial desses países. A versão

modernizada da interação entre estratégia e estrutura e do papel relevante das hierarquias gerenciais focaliza o processo de investimento (em produção, distribuição e capacitação gerencial) e a colateral melhoria das habilidades organizacionais dentro da empresa.

A questão que se mantém é se esses instrumentos gerenciais formulados num contexto dominado por grandes empresas pode ser útil em países onde tais empreendimentos ainda são poucos e, principalmente, onde a separação entre propriedade e controle é um processo ainda longe de ser completado.

Durante a última década surgiram contestações dentro dos Estados Unidos, sendo a principal delas a de Louis Galambos. ( 1970 e 1992) Sem rejeitar a moldura analítica para a qual contribuiu ele propõe uma “organizational synthesis” que não analise as empresas isoladamente, mas tenha uma percepção delas integradas a seu contexto sócio-econômico e político mais amplo.

Na opinião de Galambos há questões que a Business History não pode evitar:

1. a questão do poder e sua cambiante distribuição, particularmente o impacto do poder das empresas sobre a sociedade;
2. a questão de como o desenvolvimento empresarial afetou a distribuição de renda e riqueza na sociedade;
3. a questão da “síndrome de racionalização”: o funcionalismo sempre considera os problemas sociais e humanos como conectados a políticas de racionalização;
4. a questão do viés chandleriano que concentra demasiadamente a análise na perspectiva da alta hierarquia gerencial.

Em resumo, o objetivo de Galambos é abordar a Business History numa perspectiva multidisciplinar que possa produzir uma reinterpretação mais inclusiva que integra a empresa, a política e a sociedade nos Estados Unidos e outros países desenvolvidos.

Há outras contribuições americanas importantes como a de Philip Scranton que propõe novos eixos de pesquisa abrangendo a pequena empresa e as empresas familiares, o que torna seu referencial muito útil

para a análise empresarial da Europa e possivelmente para as novas nações industrializadas, isto é, os países em desenvolvimento.

A conclusão mais importante sobre o desenvolvimento da disciplina nos EUA é o aparecimento de uma ampla variedade de perspectivas analíticas. O espaço vazio da tecnologia no paradigma de Chandler vem sendo contestado por uma profusão de autores.

No interior das empresas a fraqueza e a força das capacidades organizacionais em relação à inovação tecnológica vem sendo examinada e o relacionamento entre empresas e tecnologias vem sendo reconceitualizado.

Ao mesmo tempo, uma série de questões vem sendo levantadas sobre fontes de inovação “internas” e “externas” que sugerem não haver superioridade de uma forma ou outra, mas, o que realmente importa é a sua forma de interação.

Finalmente, sobre uma série de itens relativos às questões tecnológicas, o papel da contingência, “Path dependency” e do poder nas empresas tem sido reafirmados.

Esses desafios se ligam a outros questionamentos da teoria de Chandler, como o da especialização flexível e o uso de comparações internacionais, nem sempre possíveis dadas as especificidades históricas, econômicas e políticas, assim como do estágio diferencial de desenvolvimento entre as nações.

Esses questionamentos privilegiam a crítica de que, o foco seletivo nas grandes empresas pode criar distorções e duvidam da noção de que uma convergência de estruturas gerenciais, estratégias e tecnologias pode suplantar contextos nacionais.

## **Business History como um campo de pesquisa: a perspectiva europeia**

Este ítem do relatório trata das tendências passadas e futuras prospecções da Business History em alguns países europeus, tais como Inglaterra, Alemanha, França, Itália e Espanha.

Nosso objetivo não é fazer um relatório completo de autores e publicações no campo, mas, tentar esclarecer sinteticamente as semelhanças e diferenças das experiências de pesquisa desses países.

.Apesar das diferenças nacionais (relativas a diversas características do desenvolvimento econômico, da sociedade, do sistema político e da cultura) pode-se afirmar a existência de certos padrões comuns à Europa que a distinguem claramente do modelo norte-americano. Tanto nas características próprias do desenvolvimento capitalista nos Estados Unidos, como na evolução da disciplina que busca explicar a trajetória das empresas dentro desse contexto sócio-econômico mais amplo .

Vamos também discutir como o approach dominante na disciplina, nascido na América, isto é, o paradigma de Alfred Chandler, com suas posteriores revisões críticas\_ a “organizational synthesis”\_ prosperaram no continente europeu.

Essa perspectiva teórica originada no padrão de crescimento das empresas americanas não parece totalmente adequada para explicar o desenvolvimento empresarial da Europa onde empresas gigantes, precoce separação entre propriedade e gestão e crescimento da burocracia interna das firmas são a exceção e não a regra.

Há diferenças essenciais na temporalidade e na performance da disciplina. A grosso modo pode-se falar em “*first-comers*” e *late-joiners*, tanto na historiografia como na própria industrialização dessas nações.

Entre os primeiros estão a Inglaterra e a Alemanha onde esse campo de pesquisa apesar de ter suas origens remotas no pós primeira guerra só produziu



resultados relevantes nos anos cinquenta e sessenta. Entre os últimos estão a Itália e a Espanha, estando a França em algum lugar entre eles.

Na Inglaterra dos anos 20 a Business History era composta basicamente por histórias “oficiais” das companhias e a real mudança veio quando firmas importantes passaram a contratar acadêmicos para escrever suas histórias e se generalizou a consciência da importância de preservar as fontes de documentação. O evento mais importante da evolução da disciplina foi a criação em 1979 do Business History Unit na London School of Economics.

Na Alemanha, apesar de alguns eventos precoces a partir do fim do século XIX, o marco inicial da disciplina pode ser considerado a obra do Professo Richard Ehrenberg que escreveu a história da Siemens em 1906, com uma perspectiva acadêmica e não meramente mercadológica, como algumas obras anteriores.

Depois do longo intervalo das guerras veio a fundação da revista *Tradition* em 1956 e finalmente a fundação da GUG, sigla alemã para *German Society for Business History*, ambas marcadas por forte influência historicista, ligada á narração e descrição.

Para a Itália e Espanha Business History é um acontecimento recente, iniciado na década de 70. Há mais similaridades do que diversidades entre os padrões de crescimento desses dois países. Em primeiro lugar, a história cultural sofreu um longo e sutil espírito anti-industrialista e em segundo lugar estabeleceu-se amplo clima de desconfiança entre empreendedores e acadêmicos.

Em 1983 um grupo importante de jovens scholars reuniu-se em torno da *Associazione di Storia e Studi Sull'impresa*, mais tarde transformada em *Fondazione ASSI*, dirigida por Giulio Sapelli. A BH italiana vem desfrutando as vantagens dos late-comers e tentando aproveitar-se da experiência da disciplina em outros países.

A Business History espanhola é ainda muito nova e sofre de absoluta falta de teoria e conceitualização, mas há exceções recentes especialmente na história dos bancos e das empresas estatais.

Finalmente há o caso desafiante da França, atrasada qualitativa e quantitativamente: “La France a été caractérisée par un paysage intellectuel relativement original, de nature à infléchir la tournure de la recherche: pensée économique... plus portée à une analyse macro-économique de la croissance teintée de saint-simonisme qu’à la théorie de la firme (idéologie de la planification, du dirigisme à la française), pensée historique dominée par l’étude des conjonctures (Ernest Labrousse) et surtout divorce entre université et entreprises. (Daviet 1987:431).

Há um traço comum ligando as experiências de pesquisa brevemente esboçadas aqui: o domínio de um *approach* empiricista originado na influência dominante dos Estados Unidos no desenvolvimento da Business History, isto é, a “organizational synthesis” ou o “neo-institucionalismo” derivados da obra de Alfred Chandler e seus desdobramentos posteriores.

O paradigma de Chandler, além de dominante nos Estados Unidos, ganhou crescente consenso fora desse país nos anos 80 graças à permanência de jovens *scholars* europeus na Universidade de Harvard, como Leslie Hannah, Jürgen Kocka, Patrick Fridenson e Franco Amatori. Voltando a seus países eles difundiram o pensamento também chamado de “Harvard paradigm”.

A escola de Business History europeia mais desenvolvida é a britânica, exatamente onde o referencial de Chandler é menos marcante: “In Britain... the impact of Chandlerian revolution has been less marked. Leslie Hannah, in the Rise of the Corporate Economy, makes use of some of Chandler’s ideas... However, few British authors have followed Hannah in the application or testing of Chandlerian concepts” (Harvey and Jones, 1990:5).

## **Novos rumos da Business History e suas perspectivas no Brasil**

Nos últimos 10 ou 15 anos algum progresso aconteceu na evolução dessa disciplina recente, no plano conceitual e empírico, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa.

Segundo o pesquisador italiano Giulio Sapelli o principal perigo conceitual da disciplina atualmente reside no reducionismo econômico que cresceu na esteira de uma má assimilação do complexo paradigma teórico de Alfred Chandler. Esse reducionismo\_\_ que é a completa separação entre a economia de um lado e a sociedade e a política do outro\_\_ está transformando a BH num ornamento vazio de conteúdo explicativo.

Para vencer esse perigo “é necessário abrir a disciplina para os temas e métodos da sociologia, antropologia, ciência política: sistemas familiares e culturais, rotinas e comportamento social, grupos de clientela, lobbies e partidos políticos, instituições e jurisprudência” (Sapelli, 1993)

Porém, alerta outro scholar italiano da Universidade de Milão e pesquisador da Fondazione ASSI, Pier Angelo Toninelli “Fascinating as it is, this proposal has nevertheless to be taken with caution, being now exposed to dangers just opposite to those of reductionism: holism and wholeness.....Where economics and organization cannot manage to arrive, other social sciences sometimes can.” (Toninelli, 2002).

O reducionismo economicista do paradigma chandleriano não deverá influenciar os primeiros passos dessa disciplina nova no Brasil, mais preocupada em produzir teorias que dêem conta das especificidades da formação histórico-social e econômica do Brasil.

Muito mais instigante do que o receio dessa influência poderosa é a constatação, feita por um dos pioneiros dos estudos empresariais no Brasil, o sociólogo José de

Souza Martins:”Embora a industrialização entre nós tenha sido objeto de discussão por vários especialistas, subsiste o fato de que a reconstrução histórica da sua ocorrência está por fazer.” (Martins, 1973, pg 2)

A História Empresarial brasileira, extremamente recente e ainda embrionária, teve um primeiro surto importante no início da década de sessenta, quando foi criado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, no Departamento de Sociologia (dirigido por Florestan Fernandes) o Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho (CESIT).

Nesse centro de pesquisa trabalharam Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, Leôncio Martins Rodrigues e muitos outros que inauguraram a análise sociológica sobre a industrialização brasileira.

Nessa época apareceram dois estudos importantes e que marcaram época: no ano de 1964, *Empresários e Administradores no Brasil*, de Luiz Carlos Bresser Pereira, artigo publicado na *Revista de Administração de Empresas da FGV* e no ano anterior, 1963, *Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico no Brasil*, um dos livros mais importantes de Fernando Henrique Cardoso.

Bresser questiona a origem oligárquica do empresariado industrial paulista, colocada por alguns estudiosos e conclui, através de pesquisa empírica e quantitativa( embora limitada ao município de São Paulo, o que prejudica seu potencial generalizador) que a grande maioria era constituída por imigrantes ou filhos de imigrantes estrangeiros, sem vínculos com a aristocracia cafeeira.

Esta conclusão permite entender os conflitos entre cafeicultores e industriais e as dificuldades do empresariado industrial para obter protecionismo para a atividade industrial, assim como a demora do Estado em assumir a perspectiva modernizadora da industrialização.

Fernando Henrique Cardoso sustenta que os empresários industriais foram recrutados “nas camadas médias da população urbana: descendentes das famílias ‘de tradição’, mas sem posses, que se ligaram ao funcionalismo público...descendentes de imigrantes....imigrantes.” (Cardoso, 1963, pg. 160-1) .

Depois desses dois textos, foi publicada a obra de Caio Prado Junior, *A Revolução Brasileira*, em 1966. Nesse livro muito discutido pela intelectualidade na época, o grande historiador defende a tese de que o empresariado industrial paulista originou-se na oligarquia cafeeira : “em São Paulo, por exemplo, muitas das primeiras e principais indústrias são de fazendeiros que empregam os lucros auferidos na cultura do café, em iniciativas industriais.”( Prado Jr, Caio, pg. 198)

Em seguida, em 1971, veio a obra do brasilianista Warren Dean sobre a industrialização de São Paulo que coloca a existência de tres fontes sociais dos empresários industriais no sudeste do país, a saber, grandes comerciantes importadores, cafeicultores e imigrantes. Esse autor, não discordando de Caio Prado, aponta a importância da agricultura exportadora para a gênese da indústria:”os proprietários rurais não somente sobreviveram como classe, mas também dirigiram a passagem de uma cultura rotineira de cana de açúcar, do princípio do século XIX, para um complexo sistema industrial nos meados do século XX.” (Dean, Warren, 1971, pg. 41).

Depois disso, o tema desapareceu das preocupações das ciências sociais, e, como reafirma José de Souza Martins, a história da industrialização brasileira está por fazer. Causou alguma polêmica e originou alguns poucos livros, mas permanece como um campo aberto para a pesquisa.

A era Vargas representou um momento de ruptura, quando a urbanização e a industrialização em seus primeiros estágios tornaram insustentável o modelo político baseado no coronelismo e nas famílias patriarcais.

Vargas atuou como agente modernizador, não descuidando, certamente, dos interesses da economia agrário-exportadora, mas criando o trabalhismo, que tomou a forma concreta de uma ampla legislação protetora do operariado urbano e fortalecendo o processo de industrialização.

No entanto, foi só nos anos 50 que se colocou em prática uma política abrangente pró-industrialização. No segundo governo Vargas foram dados passos decisivos para o planejamento do desenvolvimento econômico, sendo obtidos

avanços significativos, como a criação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE)

Em seguida, no governo Juscelino Kubitschek, o Plano de Metas obteve grande sucesso, com um crescimento da produção industrial de 80% em apenas cinco anos.

Todos esses resultados foram obtidos com investimentos de capitais privados, nacionais e estrangeiros, e também estatais. O governo, além de atuar diretamente em vários setores (principalmente infra-estrutura) criou incentivos fiscais e adotou política cambial que favorecia a importação de máquinas, equipamentos e matérias-primas necessárias para a industrialização que substituiria a importação de bens de consumo.

Gradativamente o Estado protetor foi sendo substituído pelo Estado planejador que assumiu o comando da economia nacional. O empresariado brasileiro aprendeu logo a conviver e dialogar com os representantes da burocracia do Estado, assim como soube utilizar os espaços ainda existentes para manter as práticas do patronato político.

A burguesia nacional, em diversos momentos e setores, teve competência para se beneficiar das oportunidades que surgiam com a industrialização acelerada. Um exemplo é a indústria de autopeças, que, baseada em empresas nacionais familiares, acompanhou a indústria automobilística no país, (dominada por empresas multinacionais) tendo sido capaz de crescer e incorporar tecnologia moderna.

A burguesia nacional tornou-se sócia menor do capital estrangeiro no processo de modernização da economia brasileira. Apesar disso, obteve grande sucesso nessa época, em todos os ramos: indústria, comércio, bancos. Se a sua associação com projetos internacionais teve um preço, este foi político.

Historicamente conservadora e paternalista, ao se associar ao capital externo, a burguesia brasileira deixou de ter capacidade para pactos e acordos políticos mais amplos, tendo se negado sempre a reconhecer a legitimidade dos sindicatos e os direitos de cidadania dos trabalhadores.

É preciso recordar que essa modernização ocorreu durante a primeira experiência democrática e liberal do país (1945-1964), a chamada Democracia Populista, em que os movimentos sociais e as demandas populares tiveram enorme expansão, acabando num rompimento do pacto populista pela intervenção das Forças Armadas em 1964.

As décadas seguintes foram marcadas por um regime autoritário, em que os militares sustentaram os interesses do empresariado, que já atuava e atuaria cada vez mais associado a interesses econômicos internacionais.

O empresário brasileiro passou rapidamente a dialogar com o governo autoritário e com um Estado cada vez mais super-dimensionado, com traços muito bem definidos: anti-comunismo, defesa dos interesses das elites, repressão dos movimentos populares, expansão do setor público e centralização administrativa e política.

Esse Estado Burocrático/Autoritário, no entanto, tinha muitas contradições:

- conservaram-se práticas políticas clientelistas, como consequência do diálogo entre o empresário e o tecnocrata, permitindo que se mantivesse a reserva de mercado para vários setores.
- a diversificação de exportações promoveu grandes acordos com multinacionais, que reforçaram seu poder e influência, sufocando a empresa nacional
- o nacionalismo dos militares justificou o apoio a setores industriais identificados com a “segurança nacional”: a indústria aeronáutica(Embraer) e a de armamentos (Engesa)cresceram recebendo grandes investimentos do Estado.
- o crescimento econômico foi meta prioritária e totalmente desvinculada de mudanças sociais, particularmente de formas mais justas de distribuição de renda.
- o objetivo do crescimento econômico, dentro do “Brasil grande” justificava a ação direta e crescente do Estado empresário.
- o “milagre brasileiro” pressupunha o apoio e participação cada vez maior de investimentos externos.

As contradições desse Estado foram solucionadas com o estabelecimento de um Estado neoliberal, como forma adequada ao fenômeno da globalização. Os

militares abandonaram o poder, a “Segurança Nacional” perdeu relevância e o Brasil abriu-se para as importações.

Admitindo-se como razoável que o grande projeto de modernização nacional baseado na industrialização acelerada aconteceu nos anos cinquenta, e que a geração de empresários que participou dele já havia sido substituída por uma nova na última década do século XX, não deixa de ser relevante que uma nova classe empresarial brasileira, pela sua própria formação, muito mais internacionalizante, estivesse disposta e muito mais preparada para viver o mundo globalizado.



## Conclusões

As principal conclusão teórica de nossa investigação é a de que o paradigma chandleriano dominante na Business History tem sérias dificuldades de ser aplicado integralmente e sem as devidas adaptações à realidade sócio-econômica, empresarial, cultural e política brasileira e latino-americana pois:

-reflete um modelo de desenvolvimento capitalista avançado e baseado em grandes corporações que realizaram precocemente (em relação à Europa e América Latina) a separação entre propriedade e gestão

-explica um sistema empresarial hegemônico na economia mundial e que tem um estágio de maturação totalmente diverso do caso latino-americano e mesmo europeu, principalmente nas regiões mediterrâneas(Itália e Espanha)

-é centrado na empresa como unidade de análise sem integrá-la suficientemente ao macro ambiente mais inclusivo do sistema sócio-econômico, cultural e político que a envolve

-reflete condições de inovação tecnológica e capacidade de investimento incomparáveis com o contexto dos mercados emergentes

-reflete uma cultura nacional com padrão anglo-saxão e protestante

Derivada dessa conclusão mais importante e inclusiva vem o seu complemento, isto é, talvez os paradigmas gestados na Europa meridional tenham maior poder explicativo pois:

- refletem um modelo de desenvolvimento capitalista gerado num ciclo histórico posterior e já dominado por outras potências desenvolvidas
- refletem um mercado menos competitivo e altamente induzido pelo Estado

- apresentam um sistema empresarial carente de especialização e profissionalização, de tamanho reduzido e propriedade familiar
- fraca capacidade de investimento e conteúdo tecnológico
- coexistência de atividades de produção e importação
- mercado interno restrito
- refletem culturas nacionais fortemente anti-capitalistas, corporativas, estatizantes e com padrões católicos , latinos e autoritários
- influência marcante de correntes migratórias da Europa Meridional, tanto na força de trabalho, quanto entre os empreendedores.

A terceira hipótese, que deriva analiticamente da segunda, diz respeito à especificidade do caso latino-americano e brasileiro, que mesmo guardando algumas similaridades com o paradigma europeu meridional não pode ser reduzido às suas características , graças à condição determinante de países em desenvolvimento, ou mercados emergentes fora do circuito europeu e pertencentes a outros blocos regionais menos afluentes e mais dependentes de outras potências econômicas.

A conclusão final e mais importante deste relatório é a de que a História Empresarial está apenas engatinhando no Brasil e apresenta enorme atraso mesmo em relação a outros países emergentes.

Esse atraso não se refere apenas ao presente, mas, é muito mais grave, já que, nem as origens da industrialização brasileira estão perfeitamente esclarecidas na literatura de ciências sociais, em sentido amplo, isto é, incluindo o pensamento econômico. Nem a análise sociológica, nem política e nem antropológica deram respostas adequadas e suficientes a essa questão básica para o entendimento do Brasil.

**Bibliografia**

Cardoso, Fernando Henrique. *Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico*. São Paulo, DIFEL, 1964.

Chandler A D Jr. *Strategy and Structure. Chapters in the History of the American Industrial Enterprise*. Cambridge: Harvard Univ. Press. 1962

\_\_\_\_\_. *The Visible Hand: The Managerial Revolution in American Business*. Cambridge: Harvard Univ. Press, 1977.

\_\_\_\_\_. *Scale and Scope: The Dynamics of Industrial Capitalism*. Cambridge: Harvard Univ. Press, 1990.

Daviet J.P. “Existe-t-il une business history française? *Annali di storia dell’impresa*, 3, 1987.

Dean, Warren. *A industrialização de São Paulo(1880-1945)*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1971.

Fischlow A. “Developing Countries and the Modern Firm”. *Business History Review*. Winter 1990.

Galambos L. "The emerging organizational synthesis in Modern American History" Business History Review 44, 3, Autumn 1970.

\_\_\_\_\_ "Technology, Political Economy and Professionalization: Central Themes of the Organizational Synthesis". Business History Review 57, Winter 1983.

Hannah L. The Rise of the Corporate Economy. London: Methuen, 1976.

\_\_\_\_\_ "New Issues in British Business History". Business History Review, Summer 1983.

\_\_\_\_\_ "Scale and Scope: Towards a European Visible Hand?". Business History Review, April, 1991

Harvey & Jones "Business History in Britain into the 1990s" Business History Review, January 1991.

Kocha J. "Germany: Cooperation and Competition". Business History Review, Winter 1990.

Martins, José de Souza Conde Matarazzo o Empresário e a Empresa. São Paulo, HUCITEC, 1973.

Marcovitch, Jacques Pioneiros e Empreendedores (A Saga do Desenvolvimento no Brasil). São Paulo, EDUSP, 2003.

Motta, Fernando C. Prestes e Caldas, Miguel P. (Organizadores) Cultura Organizacional e Cultura Brasileira. São Paulo, Atlas, 1997.

Prado Jr., Caio A Revolução Brasileira. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1966.

Prados de la Escosura L. & Zamagni V. (eds) *El Desarrollo Economico en la Europa del Sur: España e Italia en Perspectiva Histórica*. Madrid: Alianza, 1992.

Sapelli G. “Civilizzazione e Cultura per la Storia d’Impresa”. LIUC Papers, Serie Storia Economica, n.1. mimeo, 1993.

Scranton P. *Proprietary Capitalism. The Textile Manufacture at Philadelphia 1880-1885*. New York: Cambridge Univ. Press, 1983.

\_\_\_\_\_ “Small Business, Family Firms and Batch Production: Three Axes for Development in American Business History” *Business and Economic History*, vol 20, 1991 a.

Tolliday, S. “Beyond the ‘Organizational Synthesis’: Paradigm and Theory in Recent American Business History” in Szmrecsanyi T&Maranhão R. *História de Empresas e Desenvolvimento Econômico*. São Paulo, EDUSP, 1993.

Toninelli P.A. “Business History as a Field of Research: The European Perspective” in Szmrecsanyi T& Maranhão R *História de Empresas e Desenvolvimento Econômico*. São Paulo, EDUSP, 1993.

Williams M A. “Storia d’Impresanel Regno Unito:tendenze recenti” *.Annali di Storia dell’Impresa* 5/6. 1989/90.